

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins Design gráfico: Flatland Design

AAP-ISBN: 978-972-9451-89-8 CITCEM-ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).











Apoio



Índice

15 Prefácio José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)

 Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa? Rui Gomes Coelho
- Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004 Vítor Oliveira Jorge
- Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal Jacinta Bugalhão
- Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes

 João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- Os memoráveis? A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto marca
 Frederico Agosto / João Silva
- A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas Tiago do Pereiro
- Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde José Paulo Francisco

- Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal) Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis

 Ana Cristina Ribeiro
- A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto Origens, Percursos e Estudos Sónia Couto
- 251 Valpaços uma nova carta arqueológica Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo Cátia Neto
- Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial

 José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente Alexandra Figueiredo / Claúdio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo! Ana Paula Almeida
- A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico

 Luís Serrão Gil
- 363 Arqueologia 3.0 Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável Mónica Rolo
- "Conversa de Arqueólogos" Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia Diogo Teixeira Dias
- Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)

 Rita Gaspar

- Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)

 Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático Lídia Fernandes
- Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia Rita Pires dos Santos
- O "Clã de Carenque", um projeto didático de arqueologia Eduardo Gonzalez Rocha
- Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal Mila Simões de Abreu
- O projeto FIRST-ART conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto
 PalæoCôa
 André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa Mário Reis
- Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)

 Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009 Mário Varela Gomes
- Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
 Daniela Cardoso
- Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG

 Daniela Maio
- A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I

 Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo Jorge de Oliveira
- Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo Maria de Jesus Sanches
- O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)

 João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
 Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes /
 João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal) César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa. Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja) Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território

 João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
 Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
 Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
 Rafael Lima
- O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
 António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
 Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves /
 Emílio Abad-Vidal
- A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
 Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- Do Bronze Final à Idade Média continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis

 João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)

 Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
 António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde Rui Pinheiro

O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto

Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva

O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga

Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá

- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cividade de Bagunte. O estado atual da investigação Pedro Brochado de Almeida
- Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado

Nuno Oliveira / Cristina Seoane

- Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro

 Daniela Ferreira
- Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança? João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves José Carvalho
- Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) Uma exploração agrícola romana do Douro Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica

 Lara Fernandes / Manuela Martins
- Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação

 Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- "Casa Romana" do Castro de São Domingos (Cristelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização Paulo André de P. Lemos
- A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico

 Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia) Rui Ramos
- Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-itálico na foz do Mondego Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide Lisboa Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- O contexto funerário do sector da "necrópole NO" da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora resultados de um projeto pluridisciplinar Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir de um estudo de caso Filipe Sousa / Catarina Felício
- O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de Mirobriga
 (Santiago do Cacém)
 Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 Balsa, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária Vítor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
 Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro) Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016 Laura Sousa / Teresa Soeiro
- Ritual, descarte ou afetividade? A presença de Canis lupus familiaris na Necrópole
 Noroeste de Olisipo (Lisboa)
 Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
 Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia) Joaquim Filipe Ramos
- Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na Antiguidade Tardia Virgílio Lopes

8. Época Medieval

Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional "português": algumas evidências e incógnitas Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média Rosa Varela Gomes
- Yábura e o seu território uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela resultados preliminares da escavação arqueológica Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica

 Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de "sunken featured buildings", nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvores da Idade média. Notas para reflexão Ana Maria da Costa Oliveira
- Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
 Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- "Portucalem Castrum Novum" entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)

 João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense Susana Temudo
- Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal

 Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média Pedro Azevedo
- Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
 Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa Martim Lopes / Tomás Mesquita

- Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)
 Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- «Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta». Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínitico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde) Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa) Carlos Boavida
- Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas)

 Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa

 Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal dos objetos às superstições: o coral vermelho Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI Eva Pires
- «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha do Alferes, Seixal (século XVI)

 Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos humanos recuperados Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica na Rua da Vitória nº 15 a 17
 Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia Francisco Raimundo
- As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
 José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde):
 reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
 André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristovão Fonseca /
 Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie /
 Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima /
 Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
 Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico Xurxo Ayán Vila / José Mª. Señorán Martín

COMO OS PROJETOS DE ARQUEOLOGIA PODEM CONTRIBUIR PARA UMA COMUNIDADE CULTURALMENTE MAIS CONSCIENTE

Alexandra Figueiredo¹, Claúdio Monteiro², Adolfo Silveira³, Ricardo Lopes⁴

RESUMO

O projeto da Carta Arqueológica do concelho Caldas da Rainha é um projeto plurianual, aprovado pela DGPC. Além do trabalho de recolha e análise dos dados e da prospeção e descoberta de sítios arqueológicos, pretende contribuir para uma melhor educação patrimonial, correspondendo desta forma à vertente tão importante da sensibilização cívica cultural. Integra nos seus objetivos componentes que se prendem na didática da arqueologia, pela realização de diversas atividades com a comunidade local, no sentido de sensibilizar a população para a preservação do património arqueológico.

Assim, pretendemos neste artigo apresentar as ações desenvolvidas e algumas conclusões observadas, bem como demonstrar a necessidade destas atividades para o incremento de uma sociedade mais esclarecida e sensível para a salvaguarda dos vestígios das ocupações humanas passadas.

Palavras-chave: Educação Patrimonial, Sensibilização, Consciência Cívica Cultural, Arqueologia.

ABSTRACT

The project Caldas da Rainha Archaeological Chart is a multiannual project, approved by the DGPC. In addition to the work of collecting, analyzing, surveying and discovering archaeological sites it's our aims to contribute to a better heritage education, thus corresponding to the very important aspect of civic cultural awareness. The guidelines include components that are linked to the ways of transfer cultural knowledge, by carrying out various activities with the local community, to sensitize the population to the preservation of the archaeological heritage.

We intend in this article to present the actions developed and some conclusions observed, as well as to demonstrate the need for these activities to increase a more enlightened and sensitive society to safeguard the traces of past human occupations.

Keywords: Heritage Education, Awareness, Civic Cultural Awareness, Archeology.

1. A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO PROJETO CARACA

O projeto CARACA é um projeto de 4 anos, que teve início em 2017. Nos seus objetivos está estipulado, para além dos trabalhos arqueológicos, o desenvolvimento de um conjunto de atividades com a comunidade local (Figueiredo, *et al.* prelo).

Atualmente, as técnicas de educação e sensibilização patrimonial apresentam-se como ferramentas cruciais para a divulgação e reconhecimento por parte da população dos trabalhos desenvolvidos e da impor-

^{1.} Instituto Politécnico de Tomar; alexfiga@ipt.pt

^{2.} CAAPortugal; claudio.monteiro.cr@gmail.com

^{3.} Universidade Autónoma de Lisboa; aasilveira@autonoma.pt

^{4.} ricardoantuneslopes@gmail.com

tância da preservação dos vestígios culturais, nomeadamente os arqueológicos. Estas desempenham um papel social fundamental, mediando e estimulando o conhecimento sobre a história e o património cultural. A realidade acaba por estar ligada à identidade, que é traduzida pela pertença de um indivíduo a uma comunidade e logo ao património que ela sustenta. Utilizando estratégias de contacto formativo, com vista a uma educação mais consciente do património, tem-se observado uma dinâmica cada vez mais participativa e interessada por parte da população, contribuindo, incluindo, na recolha oral e na identificação de alguns sítios arqueológicos inéditos. Observamos que a escolha por atividades e ações didáticas assertivas e adaptadas ao interesse e à faixa etária da comunidade com que contactamos, têm possibilitado ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, educando-os e formando-os como agentes culturais mais ativos. Esta ligação deve ser um processo permanente e sistemático se possível conectado às entidades de suporte cultural numa dada região, de forma a que essa ponte possa ser realizada e as sementes, depositadas em cada ação, germinadas numa participação ativa da comunidade. Dentro do que pretendemos atingir no projeto, estas atividades têm o pressuposto de criar uma relação simbiótica com a população, no sentido em que, à medida que os trabalhos de reconhecimento do terreno vão decorrendo, vão sendo desenvolvidos diversos eventos culturais com as Associações locais, Lares, Centros de dia, Juntas de Freguesia e Escolas. Assim, no âmbito do processo de Educação Patrimonial esta relação foi desenvolvida em 2 fases, sendo que a fase final, devido ao confinamento e situação sanitária atual em que vivemos, encontra-se por terminar. Desta forma, ainda que se apresentem somente algumas conclusões, estes dados são já re-

De acordo com o planeamento estratégico, estas fases vão incrementando o conhecimento da população, sensibilizando-a para o património, garantindo um olhar atendo das pessoas contactadas sobre a paisagem e sobre os possíveis sítios arqueológicos. Neste processo, elementos culturais passivos, como idosos de lares ou funcionários, trabalhadores agrícolas ou simples membros da comunidade que receberam as nossas palestras ou connosco tiveram conversas e discussões sobre o trabalho arqueológico, tornaram-se seres ativos na preservação do pa-

veladores de progressos de consciência cívica e sen-

sibilização para a salvaguarda de bens.

trimónio e até na descoberta de novos sítios arqueológicos (Lopes *et al.* prelo).

Logo na primeira fase muitos acabavam por integrar o projeto como colaboradores, tendo desenvolvido prospeções físicas no terreno com membros da equipa. Esta relação não só foi efetiva para o registo de vestígios, como para uma relação com a comunidade onde os nossos trabalhos de campo eram realizados.

2. METODOLOGIA DESENVOLVIDA

2.1. 1ª fase

Esta primeira fase passou por um contacto inicial dirigindo-nos aos diversos locais para apresentação do projeto. Conforme o meio, a idade e o interesse foram criadas e adaptadas estratégias que mais se coadunassem com o público e com os objetivos que pretendíamos atingir.

Assim, de forma simplificada, para não estender na exposição, pois o fator organizacional do evento, muitas vezes era redirecionado ou readaptado conforme o decorrer do desenvolvimento da ação, da capacidade de motivação que podia ser trabalhada e da abertura do público a discussões mais profundas ou a outras interações, consideramos 3 estratégias:

2.1.1. Estratégia Informal-Emotiva

Esta estratégia foi sobretudo adotada para os Lares e Centros de Dia.

Desta forma, dirigíamos normalmente uma equipa com dois membros. Em alguns casos associavam-se os próprios funcionários. Esta equipa tinha por objetivo criar um vínculo emotivo entre o passado – território – pessoa.

Iniciávamos o processo contando histórias daquela freguesia que eram conhecidas pela comunidade ou criávamos um enredo em torno de algo, de um sítio arqueológico, de um elemento patrimonial ou de um símbolo cultural, como por exemplo um Pelourinho. Associado fazíamos uma transição expositiva, com base em fotografias, lugares conhecidos, como um café, um moinho ou uma paisagem local para retroceder no tempo. A ideia era conectar emocionalmente a experiência de vida do público com o mundo que os rodeava, para depois chegar ao tempo dos seus avós, tetravós, Época Medieval, Romana e Pré-história.

A par das fotografias iam sendo introduzidos objetos arqueológicos, em alguns casos réplicas, que eles manuseavam e outras imagens, mostrando exemplos de como os vestígios podem aparecer no campo. Ligando tudo isto chamávamos à atenção para os comportamentos do Homem do passado, dos cultos, das crenças e da organização social, tentando ativar o gosto pela história, pela necessidade de preservação do património e salvaguarda dos bens e memórias, garantindo depois uma transposição para o futuro, de forma a refletir como que em espelho, o que agora se vive para as gerações seguintes. Na linguagem informativa introduzíamos algumas expressões sobre o património sempre de forma muito descontraída. A ideia passava por moldar a imaginação para que se pudessem projetar o Homem quer no passado, quer no futuro e tornar o público mais conhecedor sobre o Património e o que ele abarca.

Após esta fase mais informal de exposição, puxávamos à participação, com conversas espontâneas, em jeito de tertúlia, tentando dirigir o discurso aos intentos do projeto. De acordo com a nossa experiência alguns locais foram muito acolhedores e dinâmicos, noutros, por circunstâncias diversas, não conseguimos ir para além de simples respostas muito curtas, normalmente sim/não.

Em termos quantitativos, em alguns lares, numa percentagem superior a 60% foi possível o preenchimento de inquéritos (Figueiredo *et al.* 2017), e a realização de conversas sobre a história. Em alguns locais, próximo aos 30%, foi desenvolvido um registo sobre as lendas da região, bem como as discussões puderam estender-se a conversas sobre a etnografia. Na quase totalidade dos sítios foi abordado eventos históricos e alguns sítios arqueológicos, bem como foi dado enfase à relevância que isto tudo terá se o Património puder ser herdado pelos nossos descendentes. Parte desses registos levaram-nos à publicação de duas obras, uma sobre os moinhos (Figueiredo e Lopes, 2018) e outra sobre as lendas das Caldas da Rainha (Figueiredo e Lopes, 2019).

Por fim, colocámo-nos à disposição quer para futuros encontros, quer para conversas mais individuais, pois alguns idosos, pela sua lucidez e gosto inerente à terra tornaram-se agentes colaborantes no projeto, passando-os a uma segunda fase de contacto e a uma interação mais ativa.

Ao todo foram trabalhados 12 lares ou centros de dia de 2017 a 2019 (Centro Cultural de Congressos de Caldas da Rainha; Casa do Povo de A-dos-Francos; Associação de Desenvolvimento Social da Freguesia de Alvorninha; Associação de Solidariedade Social da Foz do Arelho; Centro Social Paroquial de Santa Catarina; Centro Social e Paroquial Nª Srª da Piedade dos Vidais; Centro de Desenvolvimento Comunitário do Landal; Associação de Solidariedade e Educação de Salir de Matos; Centro Social Paroquial Nª Srª das Mercês; Associação de Desenvolvimento Social de Salir do Porto; Centro Social Serra do Bouro). A idade média era de cerca de 70 anos e relativamente mais pronunciada em termos de participantes femininos do que masculinos (Figura).

2.1.2. Estratégia Técnico-Científica

Nas associações locais e escolas, a estratégia considerada foi mais dirigida com base nos propósitos pretendidos no projeto e na demonstração do que é a ciência da Arqueologia e o nosso trabalho como arqueólogos.

Assim, como as associações locais eram essencialmente culturais, numa percentagem de 80%, centralizamos a nossa apresentação no projeto, nos objetivos arqueológicos e no que pretendíamos dos membros associados, referindo as vantagens económicas e culturais da salvaguarda do património para a região. Tratava-se, na maioria, de um público masculino, profissionalmente ativo, rondando a média nos 45 anos, com presença de muito poucos jovens, menos de 5%, com idade inferior a 30 anos.

Nas associações de caçadores a percentagem era quase total de elementos masculinos entre os 30 e os 60 anos. Também aqui não existe um padrão na receção, em alguns locais eram mais amáveis e críticos do tipo positivo-construtivo ao seu património, noutras situações, observávamos uma certa desconfiança nas nossas intenções. Contudo, na generalidade, mostravam-se curiosos, querendo, em alguns casos, auxílio para a compreensão de algumas "pedras", como eles as descreviam, que às vezes encontravam nos terrenos agrícolas ou durante as caçadas.

Nas associações para além da palestra expositiva do projeto, onde mencionávamos os sítios já conhecidos e alguns objetos encontrados, que também eram mostrados, deixávamos folhetos informativos (figura 1) para que os participantes levassem para casa com os nossos contactos email, telefónico e redes sociais, permitindo-os acompanhar o projeto por Facebook https://www.facebook.com/CaldasRainha.CARACA/.

Os mais interessados eram filtrados na nossa avaliação geral e os contactos trocados para um segundo encontro. Estes segundos encontros eram feitos em cafés ou nas propriedades dos participantes, passando à segunda fase do processo, mais interventiva. Também nas escolas o processo era um pouco semelhante (Figueiredo et al. 2018). As palestras foram dirigidas a turmas do terceiro ciclo das Escolas Secundárias Rafael Bordalo Pinheiro e Raul Proença. Aos alunos explicava-se o que é a Arqueologia, o projeto de trabalho para a região e os fundamentos para a salvaguarda do património. As palestras teóricas, sempre munidas de muitas imagens, eram curtas, não ultrapassando os 20 minutos. No final discutiam--se as matérias tratadas, dando-se sempre maior relevância às opiniões e dúvidas dos alunos. Nesta interação os alunos também tinham oportunidade de manusear materiais arqueológicos que associavam à matéria lecionada na disciplina de História. No término do encontro era-lhes pedido que levassem para casa um formulário para preencherem com os pais sobre: O que conheciam na região? Se já alguma vez tinham visto algum sítio arqueológico? Se os pais ou avós possuíam conhecimento de vestígios patrimoniais antigos na localidade? etc. Posteriormente os vários elementos das turmas entregavam os formulários aos professores que os faziam chegar à equipa do projeto. Somente 34% dos formulários distribuídos foram devolvidos. Ao todo foram distribuídos 150 formulários. Todos foram convidados para integrar o programa Jovens em Férias, desenvolvido pelo projeto e pela Ciência Viva. Este projeto foi realizado com 11 participantes jovens da região (Figura 2). Alguns destes trabalhos foram seguidos jornalisticamente⁵, permitindo incrementar a divulgação e a sensibilização para o património.

2.1.3. Estratégia informativa

Nas Juntas de Freguesia foram distribuídos folhetos e realizadas conversações com diversos Presidentes de Junta. Em alguns casos, também estes se juntaram ao projeto, tendo percorrido áreas e realizado sobretudo o levantamento dos Moinhos das Caldas com a equipa (Figueiredo e Lopes, 2018).

Os mapas resultantes dos trabalhos dos levantamentos eram enviados para fixação nas paredes das Juntas (Figura 3 e 4), também a todos foram ofertados exemplares dos livros publicados pelo projeto para arquivo e consulta da população local.

Nas reuniões com os Presidentes das Juntas eram apresentados os locais mais relevantes conhecidos na localidade, bem como se pretendia que a Junta pudesse fazer uma ponte com a comunidade local, no sentido de averiguar outros possíveis vestígios. Este trabalho de consciencializar os polos políticos que gerem as diferentes freguesias fez com que parte do Património, por exemplo a ponte romana da Feteira, em Salir de Matos, fosse limpa pela Junta, sem realização de um pedido expresso da equipa do projeto, demonstrando um maior cuidado com o património. Também todos os anos desenvolvemos workshops, Jornadas (Figura 5), Seminários e visitas de estudo para a comunidade científica e regional (Figura 6).

2.2. 2ª fase

Podemos associar a segunda fase de trabalho de consciencialização e sensibilização a um segundo contacto e ao levantamento de novos inquéritos.

Depois de filtradas as pessoas que mais se mostraram interessadas e participativas no primeiro contacto, estas, conforme a sua vontade e possibilidades, foram introduzidas nos trabalhos de terreno. Assim, de forma informal combinávamos os melhores dias para nos mostrarem as localidades, os locais onde cresceram, os possíveis sítios que foram referindo como sendo do tempo dos mouros, as ruínas das antigas capelas, já inexistentes, dos moinhos, ou das lendas que lhes eram contadas em criança (Figueiredo e Lopes, 2019). Esta participação em alguns casos foi de tal forma interessante que chegamos a fazer pequenos grupos, reunindo quer em zonas públicas, quer mesmo na casa dos participantes (Figura 7).

Noutras situações, com a população mais ativa, marcaram-se encontros para nos mostrarem os sítios com as "pedras estranhas", os materiais que tinham em casa e que foram recolhendo desde tempos nos campos agrícolas, onde depois também nos levavam para confirmação da existência ou não de vestígios à superfície. Alguns desses materiais acabaram por ser doados ao projeto, para arquivo, para que um dia possam integrar a exposição arqueológica das Caldas da Rainha.

Este trabalho de contacto ainda decorre, pois quer pelo Facebook, email ou telefone frequentemente recebemos contactos, ou porque alguém lhes contou ou descobriram mais "coisas estranhas". Estas pessoas, como referido, tornaram-se eles próprios seres consciencilizadores da comunidade. Chegamos a re-

^{5.} Ex. Gazeta das Caldas de 24 agosto 2018 – https://gazetadascaldas.pt/emprego-classificados-caldas-da-rainha/estao-a-decorrer-os-estagios-da-ciencia-viva-na-carta-arqueologica-das-caldas/

ceber telefonemas de pessoas que vieram por conhecimento de outras e não porque passaram pela nossa 1ª fase, demonstrando que o processo empreendido tinha entrado num ciclo autoprodutivo. Alguns jovens, vendo, por exemplo o valor e a publicação dos Moinhos das Caldas da Rainha (Figueiredo e Lopes, 2018), decidiram desenvolver trabalhos académicos etnográficos, recolhendo testemunhos e memórias dos locais. Um destes trabalhos foi apresentado nas Jornadas que organizamos em 2019.

Associado a esta fase pretendíamos desenvolver novamente em determinadas associações e centros de dia novos inquéritos, no sentido de perceber a existência de evolução na compreensão de conceitos, na sensibilização para a salvaguarda ou no interesse pelo Património, podendo quantificar em resultados o esforço empreendido.

3.CONCLUSÃO

A oralidade é a uma das marcas identitárias de uma comunidade e é através dela que conseguimos muitas vezes retratar as vivências, o modo de vida e as tradições de um povo de determinada zona.

A análise a este registo não deve ser feita somente a algumas esferas da sociedade, mas a todas, devendo ser transversal aos jovens, aos grupos de profissionais ativos, às comunidades associativas e aos centros e grupos sénior.

Ao todo aquando do início do projeto, em 2017, conheciam-se cerca de 30 sítios arqueológicos. Estes locais registavam-se sobretudo na zona sul do concelho das Caldas da Rainha, onde se observaram sobretudo estudos de impacte ambiental e patrimonial para o desenvolvimento de obras públicas ou privadas.

Atualmente, até final de 2019, incrementámos o número de sítios em 155%, reconhecendo vestígios que remontam até ao período da Pré-história Antiga, bem como evidenciando ocupações e levantamentos em todas as freguesias.

Metodologicamente não quisemos deixar de lado nenhuma das ferramentas que nos permitira traçar um quadro prévio de viabilidades, para depois passar ao trabalho efetivo de prospeção em campo, seja ele intensivo, como realizado em algumas pequenas áreas da região, seja não sistemático, isto é direcionado. Desta forma foram desenvolvidas análises aos topónimos; à fotografia aérea e satélite; aos mapas realizados por levantamento LIDAR existentes junto à cos-

ta; a documentos históricos, como forais, obituários ou cartas; a mapas e desenhos antigos; às lendas; aos levantamentos e estudos científicos; a obras e artigos literários e descritivos sobre as Caldas da Rainha e naturalmente, naquilo que este artigo se prende, na informação e conhecimento oral da comunidade.

Ainda que seja uma ferramenta relevante para a compreensão da ocupação de uma região, a informação oral possuí um pequeno destaque nos resultados que dela se obtêm na construção de uma carta arqueológica. Isto porque acarreta uma certa complexidade metodológica para podermos chegar a um vasto público e um esforço logístico e de recursos humanos extenso que às vezes não se possui. A sua inclusão e tratamento de dados no projeto em questão permitiu debruçar-nos de uma forma equacionada num conjunto de estratégias que pudessem cumprir dois objetivos: sensibilizar a população local para a preservação e reconhecimento do Património das Caldas da Rainha, normalmente desconhecido, como é o arqueológico e intensificar, com o apoio da informação oral, a descoberta de novos sítios. Desta forma estruturamos a aproximação à comunidade em duas fases, uma breve, facilmente mesurada nos resultados e outra extensiva no tempo, não tão quantificável. A aproximação teve em conta o público alvo e o conhecimento que este poderia ter guardado na sua memória vivida.

Após a primeira fase de educação patrimonial registamos na segunda etapa que o trabalho foi muito eficaz junto de Lares e de Centros de dia, bem mais produtiva que junto das Associações culturais ou desportivas ou até das Juntas de Freguesia. Isto sobretudo no que se refere ao segundo objetivo a atingir. As escolas foram as que tiveram menor rendimento na descoberta de novos sítios, demonstrando, este grupo, um maior conhecimento sobre a atividade e ciência da Arqueologia e do Património. Acreditamos que os alunos que depois, na segunda fase, se integraram no projeto, tendo estado diariamente connosco durante 15 dias, saíram mais seguros sobre a atividade e a profissão de arqueólogo e conhecedores de como os vestígios podiam ser observados no terreno, mas nenhum voltou a contactar o projeto por qualquer razão, nem mesmo sobre um potencial novo local ou deles proveio algum outro contacto de outro elemento da comunidade. Esta questão leva-nos a entender os jovens de um ponto de vista pragmático para cumprir o primeiro objetivo, o da sensibilização, mas não tanto o segundo, a

descoberta de novos locais, pois a motivação deles prende-se a pouco mais que umas férias em grupo com colegas ou ocupação dos seus tempos livres. Ao contrário os Centros de dia e os Lares permitiram incrementar a descoberta de novos locais em 30% dos sítios inéditos atualmente conhecidos pelo projeto. Não só houve uma relação equipa-elemento da comunidade, como eles mesmos tiveram a iniciativa de nos contactar e de passar o nosso contacto a outros. De um ponto de vista formativo e de uma avaliação qualitativa registamos um aumento de interesse e consciência cívica mais profunda e responsável. Alguns elementos que colaboraram do grupo sénior sentiram uma experimentação de inclusão na vida ativa, mesmo com as idades já avançadas que possuíam, demonstrando nas prospeções de terreno uma motivação clara não só em aprender como em se tornar úteis e dinamizadores dos próprios trabalhos. Desta forma, torna-se visível que este processo, neste grupo, para alem de efetivo na captação e reconhecimento de novos sítios, "leva ao reforço da autoestima dos indivíduos ..., permitindo a valorização da cultura compreendida e tornando-se, cada um, como agentes dinamizadores desses mesmos conceitos e de uma nova realidade mais sensível para a salvaguarda do património e sua valorização" (Figueiredo, e Berezowski 2017).

Por fim, parece-nos relevante destacar, quanto ao segundo objetivo, que ainda que não tenhamos cruzado estes dados com outros obtidos noutros projetos, pela falta de uma certa objetividade na avaliação dos resultados e da subjetividade inerente a uma avaliação formativa realizada pela equipa, é entendível pelos vários membros que a compõem, que no caso de se estender a duração do projeto, esta classe deve ser novamente contactada e sempre valorizada na realização de trabalhos de levantamento para cartas arqueológicas. Numa análise geral e conclusiva não só auxiliam na descoberta de novos sítios, como se tornam em elementos ativos na salvaguarda destes bens, incluindo na consciencialização das classes mais jovens, como pudemos observar nas conversas entre estes e os jovens estagiários Ciência Viva.

BIBLIOGRAFIA

FIGUEIREDO, Alexandra e BEREZOWSKI, Walderez (2017) – A educação patrimonial como via para uma comunidade arqueologicamente mais consciente, *In Temporis* (ação). Periódico académico de Historia, Letras e Educação, vol. 17, no 1 ISSN 2317-5516.7 pp. 65-87.

FIGUEIREDO, Alexandra; LOPES, Ricardo (2018) – *Moinhos das Caldas da Rainha*, CMCRainha, CAAPortugal e IPT/LABACPS – publicação financiada CMCR, Tomar. ISBN 978-989-8840-24-0

FIGUEIREDO, Alexandra. LOPES, Ricardo (2019) – *Lendas e Fotografias antigas das Caldas da Rainha*, CMCRainha, CAAPortugal e IPT LABACPS, Tomar. ISBN 978-989-8840-34-9

FIGUEIREDO, Alexandra; LOPES, Ricardo; SIMÕES, Sónia. MONTEIRO, Cláudio; SILVEIRA, Adolfo. (2017) – A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica. In *atas Arqueologia em Portugal*, 2017. Estado em questão. Associação dos Arqueólogos Portugueses Lisboa, ISBN: 978-972-9451-71-3. 227-235. pp.227-236.

FIGUEIREDO, Alexandra; LOPES, Ricardo; MONTEIRO, Cláudio; SILVEIRA, Adolfo (2018) – *Educar os mais jovens para o património cultural*, CMCR, página do site do município, publicações do projeto CARACA. Site http://www.cm-caldas-rainha.pt/, consultado em 13 julho 2020.

FIGUEIREDO, Alexandra; LOPES, Ricardo; MONTEIRO, Cláudio; SILVEIRA, Adolfo (prelo) – A Carta Arqueológica das Caldas da Rainha: resultados preliminares de um projeto em curso, in atas do Congresso de História e Património da Alta Estremadura e Terras de Sicó, Alvaiázere, 21 e 22 de setembro de 2019, Leiria.

LOPES, Ricardo; FIGUEIREDO, Alexandra; MONTEIRO, Cláudio; SILVEIRA, Adolfo; SIMÕES, Sónia (prelo) – A importância da Educação Patrimonial para a salvaguarda e reconhecimento do património local, in atas do Congresso de História e Património da Alta Estremadura e Terras de Sicó, Alvaiázere, 21 e 22 de setembro de 2019, Leiria.



Figura 1 – Imagens dos trabalhos de Educação Patrimonial nos Centros de dia e Lares.



Figura 2 – Foto de 4 estudantes participantes nos trabalhos de prospeção. Sítio arqueológico – Ponte da Feteira, Salir de Matos.

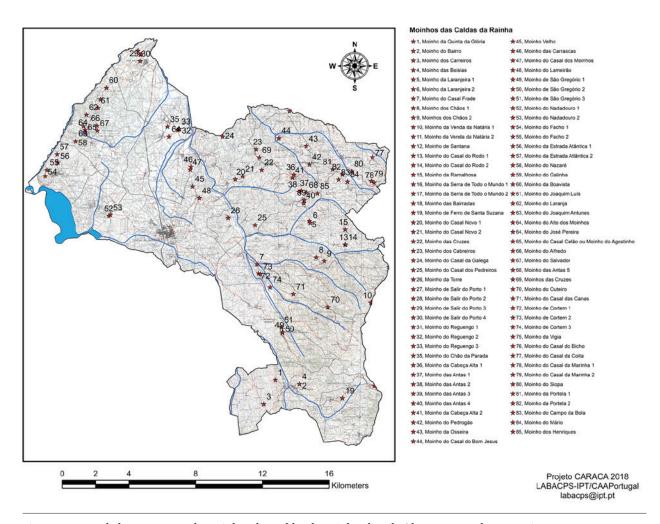


Figura 3 – Mapa do levantamento de Moinhos das Caldas da Rainha, distribuído nas Juntas de Freguesia.

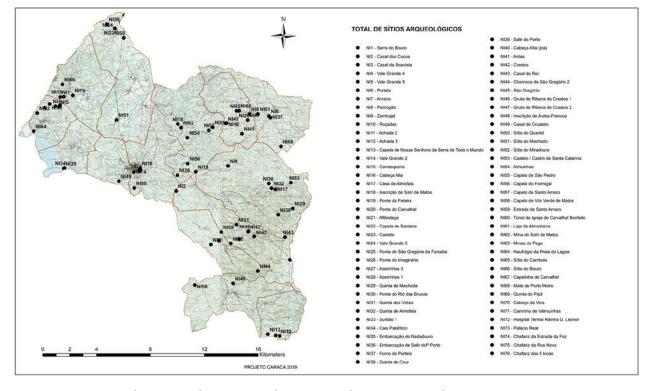


Figura 4 – Carta Arqueológica com o levantamento de sítios arqueológicos inventariados até 2019.



Figura 5 – Jornadas científicas, onde se realizou a apresentação do projeto das Caldas da Rainha, organizado pelo CARACA, em 2017.



Figura 6 – Fotografia da Visita/Workshop ao património Paleontológico Caldas da Rainha, organizado em 2019, projeto CARACA.



Figura 7 – Algumas imagens da população local que colaborou nos trabalhos de prospeção.

